

Juventude e trânsito: desafios e perspectivas

Marilsa Aparecida Alberto Assis Souza*

A informação, fornecida pelo Departamento Nacional de Trânsito – DENATRAN, de que *46% dos condutores envolvidos em acidentes de trânsito com vítima no Brasil cuja idade do motorista foi informada têm até 29 anos* não é nova para a sociedade. Outros levantamentos, aliás, indicam que *os jovens estão envolvidos em 70% dos acidentes graves*. Estes dados indicam que a mortalidade entre os jovens não só aumentou como também mudou sua configuração, ou seja, há novos padrões de mortalidade juvenil:

As epidemias e doenças infecciosas, que eram as principais causas de morte entre os jovens há cinco ou seis décadas, foram sendo substituídas, progressivamente, pelas denominadas “causas externas” de mortalidade, principalmente os acidentes de trânsito e os homicídios. (CONCEIÇÃO, 2008)

Os dados quantitativos podem até variar de acordo com a fonte consultada, mas o fato é que a juventude lidera o *ranking* das estatísticas de acidentes de trânsito em praticamente todos os estados do Brasil. Vale comentar aqui que os dados apresentados oficialmente não correspondem à realidade visto que muitos acidentes não são notificados e, com relação às mortes, as estatísticas consideram somente os jovens que foram a óbito no local do acidente, desconsiderando assim aqueles que morrem em momento posterior.

Estamos tão acostumados a ouvir estas estatísticas apresentadas através de porcentagens que acabamos por banalizar o fato de que estamos nos referindo a seres humanos que têm seu ciclo de vida interrompido, quando ainda haveria um longo caminho a percorrer e que famílias ficam totalmente desestruturadas pela perda de alguém estimado.

Diante deste triste quadro, nos encontros de educação de trânsito realizados com adolescentes e jovens, procuramos refletir com eles sobre os motivos que ocasionam esta realidade que pode ser considerada, de certo modo, contraditória: por que os jovens, que têm acesso à informação (sabem o que causa e o que previne acidentes); que têm suas capacidades motoras e sensoriais funcionando plenamente (não possuem debilitações características de pessoas com idade mais avançada); que possuem maturidade suficiente para saber as ameaças que os cercam (não possuem mais a ingenuidade da criança que não tem noção de perigo) são mais suscetíveis a se envolverem em acidentes de trânsito?

É interessante observar que, quando questionados, os próprios jovens apresentam respostas pertinentes à questão, do tipo: *o jovem quer exhibir-se; o jovem gosta de aventuras; o jovem não tem medo de nada. Alguns chegam a dizer que os jovens são irresponsáveis e imprudentes.*

Este comportamento característico do jovem pode ser traduzido pela expressão **onipotência juvenil**.

Se pesquisarmos no dicionário veremos que onipotência significa *qualidade de onipotente*, sendo que onipotente é *aquele que tem poder ilimitado; Todo-poderoso; Deus*. A onipotência designa a propriedade de um ser capaz de fazer tudo – poder este atribuído a um Ser Supremo, conforme preceito bíblico: *Para os homens é isso impossível, mas a Deus tudo é possível* (Mt 19,26).

Quando atribuímos à onipotência juvenil o comportamento do jovem no trânsito, queremos dizer que ele sente-se um *deus*, crendo que tudo é possível e que nada de ruim lhe acontecerá. Assim, ele constrói uma imagem de perfeição, sentindo-se uma criatura especial, revestida de proteção extraordinária e possuidora do dom da imortalidade.

Esta sensação de imortalidade é bem traduzida nesta frase retirada do livro de TOLSTOI (1886) chamado *A Morte de Ivan Ilitch*:

O exemplo do silogismo que ele aprendera na Lógica de Kiesewetter: Caio é um homem, os homens são mortais, logo Caio é mortal, parecera-lhe, durante toda a sua vida, correto somente em relação a Caio, mas de modo algum em relação a ele. Tratava-se de Caio-homem, um homem em geral, e neste caso era absolutamente justo; mas ele não era Caio, não era um homem em geral, sempre fora um ser completa e absolutamente distinto dos demais.

Este sentimento de imortalidade que permeia o ideário do jovem pode ser percebido em outras circunstâncias da vida, e não somente no contexto do trânsito: ele pensa que pode manter relações sexuais sem se prevenir, pois a gravidez e as doenças sexualmente transmissíveis existem, mas só acontecem com *os outros*; pensa que pode começar a usar drogas, pois tem condições de parar no momento em que quiser – a dependência só acontece com *os outros*; pensa que pode praticar assaltos à mão armada, pois as balas nunca o atingirão e a polícia nunca o prenderá – isto só acontece com *os outros*; e pode também beber e dirigir com perfeição, pois a bebida jamais altera seus reflexos neurológicos – somente os reflexos *dos outros*. Desta forma, o jovem se sente indestrutível e inatingível; se sente imune aos perigos, pois é uma pessoa *completa e absolutamente distinta das demais*. Conforme TIBA (1994),

No Olimpo da onipotência juvenil o mundo se move sobre verdades próprias: as meninas nunca engravidam, as drogas nunca viciam, o passado não existe, o futuro é já, acidentes de carro só acontecem com otários e para passar de ano basta dar “uma lida” na matéria às vésperas da prova final (...) o jovem se sente dono da verdade, capaz de qualquer proeza. Age como se fosse o mais inteligente, o mais poderoso, um indivíduo que só tem direitos, jamais deveres.

Vale ressaltar aqui que o predomínio do sentimento de onipotência, aliado ao *pensamento mágico*, que está associado à fantasia de que *nada de ruim vai acontecer comigo* não é típico somente do jovem e do adolescente, mas do ser humano de uma maneira geral. Este sentimento, quando bem dosado, é de certa forma positivo – a vida seria muito difícil se vivêssemos trancados em uma redoma, com medo de que algo ruim pudesse acontecer conosco a qualquer momento. WEGER, professor de psicologia em Harvard, chega a afirmar que *este sentimento de que seus pensamentos conseguem, de algum modo, controlar as coisas é um sentimento necessário - oposto polar do desamparo, que muitas vezes acompanha a depressão*.

Em relação ao jovem, entretanto, o pensamento mágico e a onipotência juvenil nem sempre são convenientes, pois a crença de que nada ruim irá acontecer motivam-no a se expor a perigos com conseqüências desastrosas, comprovados numericamente pelas estatísticas de trânsito. Os fatos, portanto, ensinam que a onipotência juvenil não corresponde à realidade. Acidentes de trânsito acontecem *também* com jovens, matando-os ou deixando-os debilitados provisória ou definitivamente.

Aliado à onipotência juvenil, outro fator que torna o jovem mais vulnerável aos acidentes de trânsito é o desejo de **auto-afirmação** perante os colegas.

A auto-afirmação é uma característica típica desta idade, na qual o adolescente está construindo uma nova identidade – não é mais criança, mas ainda não se tornou um adulto. É a fase do *adolescere*, ou seja, de crescer, de atingir a maturidade. Neste processo de construção da identidade muitos se distanciam da família e se aproximam do grupo formado por pessoas da mesma faixa etária. Desejando ser bem aceito pelo grupo, o jovem quer mostrar a si e aos outros que é capaz de romper limites e vencer obstáculos, expondo-se a perigos que, conforme já dito, ele acredita que não o atingirão, visto que supõe estar revestido pela *couraca da imortalidade*. O processo de busca de auto-afirmação, por si só, é saudável e necessário ao crescimento. O problema surge quando o jovem se vê pressionado pelo grupo a ter um comportamento de risco, que pode comprometer sua integridade física e/ou emocional.

Querendo se afirmar perante os colegas, o jovem muitas vezes não consegue resistir às pressões, acreditando que estará *pagando mico*. Assim, não é raro encontrar jovens que fazem *rachas*, desafiam a velocidade, pegam carona com colegas que dirigem embriagados ou dirigem eles próprios embriagados com o intuito de provarem aos outros que são auto-suficientes.

Sendo este o período em que começa o interesse pelo sexo oposto, muitos jovens também cometem imprudências no trânsito por puro exibicionismo, acreditando que assim terão maiores chances de conquistar a pessoa desejada.

Também considero oportuno lembrar que os jovens, além de estarem morrendo, estão matando no trânsito. A imprudência não acarreta danos somente ao autor da infração, mas pode prejudicar pessoas que se resguardam e cumprem seus deveres enquanto cidadãos que se utilizam responsabilmente do espaço coletivo. Assim, da mesma forma que cresce o número de jovens mortos no trânsito cresce o número de jovens que respondem por processos devido à gravidade das infrações cometidas. Muitos destes jovens, inclusive, não estão habilitados a dirigir ou sequer têm idade suficiente para tirar carteira de habilitação.

AMARAL, psicólogo especialista em trânsito, ao atender jovens de 18 anos que passavam pelo exame psicológico para tirar a carteira de habilitação, percebeu traços de personalidade diferentes entre eles:

Uns possuem agressividade alta, outros agressividade baixa. Somados a esses traços encontramos emotividade alta e emotividade escassa. Uns deprimidos ou depressivos. Outros com alto grau de elação. Essas grandes diferenças já não encontramos nos adultos cujas diferenças são pouco significativas com exceção para os casos patológicos percebidos também na entrevista e na observação de modos e atitudes. Imaginava que essa variação bastante significativa, nos adolescentes, era própria da idade, as transformações, a auto-afirmação, a perda de direitos e a aquisição de deveres os levavam a esse quadro de instabilidade emocional, porém isso nunca me satisfaz.

Dando continuidade a suas observações e pesquisas, Amaral chegou a interessantes conclusões concernentes à agressividade, mencionando quatro situações em que ela pode ser expressa e os riscos oferecidos pelo jovem condutor: raiva anti-social, raiva social, resistência passiva e bondade excessiva. Cada uma destas formas de potencializar a agressividade configurará um tipo de comportamento no trânsito.

Assim, um jovem, por exemplo, que traz dentro de si uma raiva tida como anti-social¹, normalmente tem como características: *quebra de regras de contato social; violação dos direitos e propriedades alheias; falta de limites/limites não internalizados; altos níveis de agressividade*. Segundo AMARAL,

Analisando estas características percebemos poder estar diante de: a. Alguém que nos pede socorro e através desses comportamentos inadequados procura chamar atenção e solicitar segurança e proteção; b. Alguém com sérios distúrbios de personalidade que devem ser avaliados e merecem ser tratados. c. Alguns fazem uso de drogas e álcool. Em nosso trabalho diário, como psicólogo do trânsito, e que é realizado em Campinas-SP, Brasil; constatamos que esses adolescentes praticam direção perigosa, desrespeitam normas e regras, desafiam e aceitam desafios, o que os tornam inadequados para receberem a permissão para dirigir. Orientamos e sugerimos que se submetam a terapia e/ou tratamento especializado antes de receberem suas licenças para dirigir.

Estas constatações mostram que, além dos comportamentos típicos da adolescência, alguns jovens podem apresentar outros traços específicos da própria personalidade, que demandarão um acompanhamento mais direcionado por profissionais capacitados.

Diante destas considerações, duas questões devem ser ressaltadas. A primeira é que devemos estar atentos para o fato de que, embora a onipotência e o desejo de autoafirmação serem característicos do universo jovem, isto não significa que suas atitudes imprudentes e inconseqüentes sejam justificadas. Não devemos aceitar seus comportamentos inadequados, que colocam em risco suas vidas e a das demais pessoas que transitam pelas vias. Não podemos pensar: *isso é coisa de adolescente!* - e permitir que vidas continuem sendo interrompidas de forma tão abrupta e sofrida. Ao contrário, o conhecimento destas características serve para que nós, educadores e outros profissionais, pais e sociedade em geral encontremos formas de incentivar o jovem a exercer seu protagonismo juvenil, fazendo com que ele perceba que é o autor de sua própria história, e que o destino que dará a sua vida será baseado nas escolhas que ele próprio faz.

A construção do ser adulto impõe ao adolescente o enfrentamento de diversos desafios. Os jovens, desde cedo, devem ser preparados pela família e por outros adultos que fazem parte de sua convivência a fazerem escolhas responsáveis diante dos riscos que encontrarão durante a vida. Sabiamente, GIKOVATE diz, em relação aos jovens:

¹ Para conhecer os outros tipos de comportamento, ler o texto na íntegra (vide referências bibliográficas).

Terão de saber que todas as doenças, todos os acidentes, todas as faltas de sorte poderão persegui-los. E - o que é mais importante - terão de enfrentar com serenidade a plena consciência de que são vulneráveis. Este é um dos ingredientes da maturidade: ter serenidade na viagem da vida, mesmo sabendo que tudo pode nos acontecer.

Os jovens, portanto, devem ser preparados para dizerem *não* a tudo aquilo que representa negação e destruição da vida, compreendendo que o grande *mico*, na verdade, é se exporem a situações de risco que comprometerão a si próprios e aos outros. Devem aprender, primeiramente a se amar, lembrando, conforme canta Caetano Veloso, que *quando a gente ama é claro que a gente cuida...* ou, aproveitando a canção de Roberto Carlos, *é preciso ter cuidado pra mais tarde não sofrer; é preciso saber viver...*

A segunda questão refere-se ao fato de que a sociedade precisa repensar o estigma imposto ao adolescente de que todos eles são rebeldes, imprudentes e irresponsáveis, chegando a chamá-los pejorativamente de *aborrecentes*. Pelo contrário, grande parcela deste segmento etário é composto por jovens que estudam, trabalham, e estão construindo sua identidade de maneira responsável, apesar de todos os conflitos existentes nesta idade.

Estima-se que no Brasil hoje haja trinta e quatro milhões de pessoas vivendo a adolescência, o que corresponde a aproximadamente 22% da população total do país. Necessário se faz, portanto, que o governo invista em políticas públicas voltadas para este segmento populacional; que as famílias estejam preparadas para cuidar dos filhos em um ambiente que ofereça segurança e eles possam desenvolver-se de forma sadia e responsável; que a mídia, que tanto influi na formação do jovem, ofereça uma programação socialmente responsável frente à temática da adolescência; que as escolas propiciem espaços de discussão e reflexão sobre projetos de vida e protagonismo juvenil; e enfim, que toda a sociedade se mobilize, deixando de ter comportamento perplexo, porém passivo, diante das notícias jornalísticas que apresentam, diariamente, vidas tão jovens que estão sendo ceifadas no contexto do trânsito.

Referências:

AMARAL. Antonio José Fajardo. **O adolescente no trânsito**. Disponível em http://www.psicologia.spo.com.br/Textos_adolescente_transito.htm Acesso: 01 dez. 2008.

CONCEIÇÃO, Maria Inês Gandolfo; OLIVEIRA, Maria Cláudia Santos de. **Legislações e políticas para a criança e o adolescente e a PNAD**. In: Prevenção ao uso indevido de drogas: Curso de Capacitação para Conselheiros Municipais. Brasília: 2008.

GIKOVATE, Flávio. **Juventude: a utopia da onipotência.** Disponível em <http://somostodosum.ig.com.br/conteudo/conteudo.asp?id=06928> Acesso: 01 dez. 2008.

MICHAELIS. **Moderno Dicionário da Língua Portuguesa.** São Paulo: Melhoramentos, 2006

STORNILO, Ivo; BALANCIN, Euclides Martins (trad.). **Bíblia Sagrada Edição Pastoral.** São Paulo: Paulus, 1990.

TIBA, Içami. **Adolescência: o despertar do sexo.** São Paulo: Editora Gente, 1994.

TOLSTOI, Liev. **A morte de Ivan Ilitch.** Tradução Boris Schnaiderman. São Paulo: Editora 34, 2006.

WEGER, Daniel M. In BENEDICT, Carey. **Você acredita em magia? O poder da superstição.** Disponível em http://ultimosegundo.ig.com.br/new_york_times/2007/01/23/voce_acredita_em_magica_o_poder_da_supersticao_457061.html Acesso em: 01. dez. 2008.

*Marilsa Aparecida Alberto Assis Souza é pedagoga. Trabalha como Educadora de Trânsito na Secretaria de Trânsito de Uberaba e como Técnica em Assuntos Educacionais na Universidade Federal do Triângulo Mineiro. Contato: marilsaalberto@yahoo.com.br